

CARL SAUER, FRONTEIRAS E POVOAMENTO DOS ESTADOS UNIDOS

Breno Viotto Pedrosa*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Jörn Seemann**

Ball State University

As traduções da obra de Carl Sauer para o português não fazem justiça à produção prolífica e diversificada do geógrafo cultural norte-americano. Em língua portuguesa existe apenas uma meia dúzia de textos, incluindo clássicos como *A Morfologia da Paisagem* (SAUER, 1998a [1925]), *A Educação de um Geógrafo* (SAUER, 2000a) e *Desenvolvimentos Recentes em Geografia Cultural* (SAUER, 2000b), todas geralmente reflexões teóricas.¹ Apesar de tais artigos terem suma importância, muitos aspectos da obra saueriana são desconhecidos no Brasil como, por exemplo, seus estudos voltados à ecologia cultural (com ênfase nas relações entre humanos e o meio ambiente), às origens e à difusão da agricultura ou mesmo trabalhos de cunho mais empírico, que demonstram como foram instrumentalizados seus conceitos. É com esse intuito que traduzimos o texto *Homestead and Community on the Middle Border*, originalmente publicado na revista *Landscape* (SAUER, 1962) e republicado na coletânea *Land and Life: A Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer* (LEIGHLY, 1963, p.32-41). O artigo celebra os 100 anos de promulgação da lei do *Homestead Act* assinada pelo presidente Abraham Lincoln em 1862. Essa lei sobre a propriedade rural permitiu a cessão de 160 acres (cerca de 65 hectares) de terra pública "mais adentro" do território

¹Traduções para o espanhol abrangem uma visão mais diversificada da obra de Sauer. *Aztatlán* é uma coletânea de quatro textos sobre o México e Meso América pré-históricos (SAUER, 1998b). *Descubrimiento y Dominación Española del Caribe* (SAUER, 1984) é uma tradução do livro *The Early Spanish Main* (SAUER, 1966), que trata das primeiras décadas da presença espanhola nas Américas que se caracterizava pela brutalidade dos conquistadores.

* brenoviotto@hotmail.com

** jseemann@bsu.edu

nacional, a oeste do Rio Mississippi, a qualquer pessoa que comprovava sua residência no local por pelo menos cinco anos e um melhoramento no lote como, por exemplo, agricultura.

O artigo aborda o foco exclusivo na história da fronteira agrícola interna dos Estados Unidos e se apoia na geografia histórica e cultural praticadas naquela época², apresentando uma seção temporal do processo de colonização e ocupação. Sauer usa os conceitos e categorias da geografia para dar aos acontecimentos uma dimensão espacial. A abordagem diacrônica se compõe como uma sequência de sincronias que buscam apreender os aspectos culturais da ação humana, lembrando que a proposta saueriana de geografia cultural se equivale em abrangência à geografia humana no sentido mais amplo, ou seja, pela incorporação da perspectiva corológica de Alfred Hettner. Sauer aspira compreender como se constituem as diferenciações espaciais da superfície terrestre. Para tanto, a paisagem tem um papel fundamental, empregando a observação como o primeiro passo da pesquisa geográfica para analisar a composição do espaço, a partir das paisagens naturais e culturais. Assim, os migrantes indo a oeste se embrenham nas paisagens naturais e buscam soluções ecológicas para encontrar sua subsistência e, quando possível, uma inserção nos mercados locais.

É admissível vislumbrar nessa abordagem ecos do pensamento do historiador Frederick Jackson Turner (1861-1932), autor que liga o processo de formação ter-

²Aqui não cabe apresentar a geografia cultural Berkeleyana em detalhe ou discutir os desenvolvimentos pós-Berkeley na subdisciplina, que resultaram em tensões e fricções acadêmicas, principalmente nos anos 80 e 90. Para uma avaliação mais recente da geografia saueriana, veja Mathewson e Denevan (2009).

ritorial dos Estados Unidos à consolidação de um imaginário político, uma mentalidade social. A figura do pioneiro que tem acesso à terra, resistente ao poder estatal, sem a pressão política da existência de uma aristocracia, distribuído em comunidades esparsas mais ou menos isoladas, constitui o antecedente para a formação de uma sociedade de ideais democráticos, que valoriza o indivíduo, a liberdade e a igualdade (TURNER, 1893). O historiador analisa o processo de expansão da fronteira interna estadunidense para comprovar sua hipótese de que uma nova sociedade em perpétuo movimento, sem o peso histórico da decadente Europa, resulta na democracia e na invenção de novas instituições, a partir de experiências comunitárias e do abandono de velhos costumes. Dessa forma,

“Mas o mais importante efeito da fronteira foi o da promoção da democracia aqui e na Europa. Como foi indicado, a fronteira é produtora de individualismo. A sociedade complexa é precipitada pela regiões selvagens em um tipo de organização primitiva baseada na família. A tendência é anti-social. O coletor de impostos é visto como um representante da opressão. [...] O individualismo da fronteira promoveu desde o início a democracia.” (TURNER, 1893, p.105, tradução nossa).

Turner defende que as ciências humanas em geral, incluindo a geografia e a literatura, são também ferramentas para a análise do historiador. Seguramente, Turner não é uma influência maior para Sauer; contudo, o geógrafo não ignorou o historiador, cujo peso na interpretação da história americana não é menor, mesmo que suas conclusões carreguem uma dimensão que não está isenta de subjetividade, notadamente no tocante à idealização da comunidade pioneira. O legado de Turner acaba por tocar no interesse pela formação de mentalidades e ideias políticas no imaginário social. Nesse sentido, o texto que ora traduzimos demonstra que o método histórico-geográfico-cultural de Sauer também se aproxima dessa questão, pois ele demonstra como os processos de modernização do campo estadunidense dissolveram o estilo de vida e a mentalidade dos primeiros colonos, que agora se vêem em um mundo mais integrado, sobretudo em função dos avanços técnicos dos transportes e das comunicações.³ O interesse pela mentalidade, fator reforçado igualmente pela interlocução entre Sauer e a antropologia de Alfred Kroeber, seu colega em Berkeley, pode ser notada também do outro lado do Atlântico, na chamada escola dos *Annales*, composta de historiadores, mas que acabaram por in-

fluenciar geógrafos como Pierre Monbeig, estudioso da expansão do que ele denomina “franja pioneira” brasileira (LIRA, 2017).

Sauer, ao contrário de Richard Harthshorne que recusa terminantemente a geografia histórica em detrimento a uma abordagem regional como método, não só admite essa possibilidade como empreende esforço metodológico para concretizá-la. Lembremos que tal posição não é incompatível com a abordagem corológica de Alfred Hettner e tem vida longa na história do pensamento geográfico alemão, remontando à indissociabilidade entre geografia e história no pensamento de Carl Ritter, e ainda a Kant que classificava ambas ciências como propedêuticas, ou seja, bases essenciais para o entendimento dos fenômenos em suas condições existenciais.

Fica evidente a disputa entre Hartshorne e Sauer pelo legado de Hettner, principalmente por sua abordagem corológica. que se interessa pela explicação da diferenciação de áreas. Enquanto Hartshorne acaba por abandonar o conceito de paisagem, Sauer se mantém mais fiel à tradição germânica admitindo que este conceito limita também uma região, fenômeno que sua geografia designa área cultural. Ao contrário de seu colega, a região não é mera escolha do geógrafo a partir da significância geográfica. Contudo, o pensamento de Sauer é influenciado por múltiplos pensadores principalmente da escola alemã. Contemporâneo a Hettner, Etges (2000) indica a presença de Otto Schlüter, autor que defendia uma abordagem eminentemente morfológica para o estudo da geografia, admitindo a paisagem como seu principal objeto e as marcas visíveis como os seus traços (SEEMANN, 2004). Apesar do aparente reducionismo, a obra de Schlüter valoriza a ação humana ao introduzir a ideia de paisagem cultural em um contexto que se utilizava este conceito, basicamente para a análise dos fenômenos naturais.

A influência de seu pensamento é perceptível em Sauer, notadamente na dicotomia paisagem natural/cultural e na abordagem morfológica. No entanto, debater as influências intelectuais de Sauer é um tópico complexo, pois sua erudição é ampla e o autor lança mão de referências que vão da antiguidade (Aristóteles) ao romantismo alemão (Goethe, que inspira sua morfologia), para operacionalizar sua abordagem geográfica que já instrumentaliza os conceitos de forma, função, processo e estrutura como fica claro no texto abaixo. Pioneiramente, Sauer incorpora elementos da fenomenologia em sua geografia, criticando a objetividade positivista, uma vez que a descrição da paisagem, as topônimas e mesmo conceitos das geografias vernaculares envolvem valores culturais.

³Críticos da Escola de Berkeley interpretaram essa ênfase no rural como um saudosismo do anti-moderno e uma “celebração do paroquial” (GREGORY; LEY, 1988, p.116). Portanto, os estudos de Sauer foram importantes para o campo de história ambiental, visando a reconstrução de paisagens do passado e acusando a destruição do meio ambiente (MATHEWSON; SEEMANN, 2008).

Tal domínio erudito das tradições geográficas com seus autores, conceitos e ideias, certamente reflete a busca de uma majoração de seu capital cultural para com os pares, considerando o fato de que Sauer era oriundo de uma comunidade de migrantes alemães no Meio-Oeste americano. Sua postura era essencialmente contestadora da geografia estabelecida permeada pelo determinismo geográfico, tendo como exemplos quase infames a leitura ratzeliana de Ellen Semple ou a obra de Ellsworth Huntington (1915) sobre clima e civilizações. Um dos principais antagonistas intelectuais de Sauer, Richard Hartshorne, ganhou notoriedade propondo um ponto de vista metodológico para a geografia a partir de uma leitura do desenvolvimento histórico do campo disciplinar (HARTSHORNE, 1939), o que certamente impulsionou Sauer a uma revisão da literatura geográfica em busca de indicações e argumentos que conferissem à sua proposta metodológica um argumento de autoridade (SAUER, 1997).

No tocante ao tema abordado pelo artigo que ora apresentamos, cabe ressaltar que Isaiah Bowman, aluno de William Morris Davis em Harvard, coloca em voga o tema da franja pioneira e da colonização na década de 1930, tanto no cenário estadunidense, quanto no âmbito da União Geográfica Internacional (UGI) (ROBIC, 2016). Bowman, especialista em América do Sul, interessado no processo de colonização das diversas áreas do mundo, foi presidente da UGI entre 1931 e 1934 e ocupou o cargo de presidente da *American Geographical Society* entre 1915 e 1935, quando aceitou um convite para ser dirigente da Universidade Johns Hopkins em Baltimore. Ele publicou suas ideias sobre a franja pioneira em um artigo acadêmico (BOWMAN, 1927) e posteriormente lhe dedicou um livro (BOWMAN, 1931).⁴

Nesse contexto, como ressalta Bell (2016), a chegada de Leo Waibel, geógrafo alemão especialista em geografia tropical, expulso da universidade durante o III Reich por ser casado com uma judia, cria um ambiente de disputa com Sauer. Ambos concorrem pela simpatia de Bowman que decidiria qual geógrafo seria mais apto para conduzir estudos sobre a temática da colonização. Sauer desenvolveu trabalhos sobre a América Latina e Isaiah Bowman se dedicou à América do Sul. Waibel, na Alemanha, havia, como Sauer, absorvido as ideias de Otto Schlüter sobre a morfologia da paisagem. Ambos, no entanto, se frustram com uma morfologia restritiva, que não se arrisca na análise dos fenômenos na paisa-

gem para além das suas formas. Waibel encontra a saída para o dilema metodológico através da ideia de formação econômica, do modelo de von Thünen, que versa sobre a disposição espacial das atividades rurais e do conceito de sistemas agrícolas (ETGES, 2000). Como se depreende de seus trabalhos, isso não significa uma despreocupação com o hábitat e com os hábitos culturais das populações. Segundo Etges:

“Atenção especial foi dispensada à região montanhosa da *Sierra Madre*, onde Waibel norteou as suas análises não mais a partir do esquema da paisagem, como no trabalho sobre o sul de *Namaland* em 1921, e sim o desenvolvimento da paisagem a partir da influência política e econômica de diferentes forças: o período do domínio espanhol, o desenvolvimento do capitalismo no México e a influência norte-americana a partir dos anos 1920” (ETGES, 2000, p. 31).

Mais detidamente que Waibel, Sauer se dedicou à compreensão da formação das paisagens mexicanas, ao seu processo de colonização e à sua formação sócio-cultural. Para Sauer, México, América Central e Caribe são as áreas principais de desenvolvimento humano e crescimento demográfico da América pré-colonial. A península de Yucatán seria o ponto de partida do adensamento e dispersão das populações para as Antilhas, sendo que o mar do Caribe causou mais isolamento do que integração nesse momento primevo. Contudo, a expansão dos povos, a difusão técnica e a adaptabilidade aos contextos geográficos marcaram a expansão dos povos indígenas. A América Central representa então uma corredor e uma encruzilhada no processo de colonização do continente, ou seja, um funil que encaminhou os povos para a América do Sul, ao mesmo tempo possibilitando uma projeção para o mar do Caribe. A exposição e defesa dessas hipóteses desembocam no estudo da chegada dos espanhóis e na demografia histórica, conjugada à sua geografia histórica (MATHEWSON e DENEVAN, 2009, p. 274-276).

Sob o auspício de Bowman, Sauer participou do *Council of Foreign Affairs*, antes da Segunda Guerra. Ele também encomenda um livro didático para ensino de geografia, publicado em fins da década de 1930, em que Sauer valorizou a cultura indígena e a conservação ambiental (MATHEWSON e DENEVAN, 2009, p. 271-273).

Posteriormente, Bowman, então professor na Universidade Johns Hopkins, acaba preferindo Waibel que participa do projeto secreto N do governo estadunidense, que avaliava a possibilidade de colonização europeia na América Central por refugiados da guerra (Bell, 2016). Sauer, contudo, acaba se tornando orientador do filho de Bowman, Robert, que estuda geografia em Berkeley (SEEGEL, 2018, p.156). Como é sabido, a convite dos

⁴Seegel (2018) destaca o esforço de Bowman em vários momentos de sua carreira para reafirmar suas credenciais como descendente de pioneiro, com o objetivo de se inserir melhor no ambiente acadêmico e social. Sua família tem origem canadense. A carreira de Bowman é manchada pela sua postura antissemita que chegou ao ponto de dificultar ou até impedir a contratação de docentes e a matrícula de alunos judeus na Universidade Johns Hopkins (SMITH, 2003).

geógrafos do IBGE que estudavam nos EUA, Waibel vem para o Brasil com o findar da Segunda Guerra Mundial.

É importante ressaltar que ainda na década de 1930, Bowman indicou Sauer para participar do *Science Advisory Board* dedicado ao uso da terra, resultando em um estudo sobre a erosão no Novo México. Sauer, no entanto, se frustra com o trabalho diante da alta agressividade às paisagens causada pelo movimento de colonização e com as ações da burocracia governamental, que tinham como objetivo auxiliar os agricultores em crise durante o *New Deal*. Esse desapontamento, o levaria a reforçar seu interesse pela geografia histórica, em detrimento de uma geografia aplicada (MATHEWSON e DENEVAN, 2009, p. 20). Isso não significa uma ruptura total com estudos para o governo, já que nas décadas de 1950 e 1960, ao lado de James Parsons, são desenvolvidas análises regionais dos países banhados pelo mar do Caribe para o *U.S. Office of Naval Research* (ONR). Esses estudos valorizam a cultura local e sua economia não destrutiva, equilibrada com o meio-ambiente, considerando sua significância regional à luz do mediterrâneo caribenho (MATHEWSON e DENEVAN, 2009, p. 154).

Sauer enriquece a abordagem morfológica com uma perspectiva cultural, inspirada pela antropologia estadunidense de Alfred Kroeber e por uma valorização da ideia de difusão cultural de Ratzel. Assim, a cultura material tem um papel fundamental em sua geografia, que delimita áreas culturais, mobilizando a ideia de personalidade comum à antropologia cultural estadunidense, ou mesmo as mentalidades como evidenciamos (SAUER, 1941). Sempre considerando a contingência histórica, a cultura material de Sauer não se limita às ações dos humanos, se desdobrando na história ambiental que se preocupa com as transformações do clima, do relevo, do solo e, principalmente, modificações oriundas da inserção de plantas e animais. Essa influência remonta a Eduard Hahn (1856-1928), geógrafo alemão dedicado ao assunto, autor de obras sobre as origens da agricultura e a domesticação de animais. Nesse sentido, a abordagem ecológica tem importância fundamental, delineando o cenário atual e indicando pistas dos momentos passados. Diferentemente de abordagens corriqueiras em outros locais do Ocidente, Sauer faz jus à tradição do relativismo cultural, reafirmado por F. Boas, deixando de elencar as culturas humanas em uma escala progressiva de evolução.

Para finalizarmos as comparações, cabe ainda destacar a possibilidade de paralelos entre Sauer e Pierre Monbeig, outro estudioso da fronteira. Monbeig também dá importância à análise da paisagem como primeiro passo para a análise geográfica. Como membro

da escola francesa de geografia, Monbeig se baliza por uma forte inspiração regionalista, forjando o conceito de complexos regionais para compreender a expansão do café em São Paulo. O célere crescimento da área cultivada, a rápida decadência de algumas fazendas e o surgimento das chamadas cidades cogumelos, de desenvolvimento efêmero, são alguns aspectos analisados no clássico *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*, publicado nos anos 1950 (MONBEIG, 1954). Sua abordagem não deixa de lado o aspecto ecológico, pois Monbeig trata, por exemplo, de doenças às quais os pioneiros estavam expostos pela análise das relações ecológicas. O conceito de complexo regional é a tentativa de apreender uma região em movimento, diferentemente do mundo rural francês, historicamente já consolidado e com tradições delimitadas (PEDROSA, 2007).

Apesar de, no século XX, termos o momento áureo das escolas nacionais, seria um erro superestimá-las, pois Sauer (1997) conhecia bem a geografia francesa e Jean Brunhes, por exemplo, que havia se identificado fortemente com o esquema de análise de Otto Schlüter (PEDROSA, 2007, p. 20).

O texto de Sauer que ora apresentamos tem um teor biográfico, pois o autor nasceu nas comunidades pioneiras do Missouri. Como tentamos demonstrar, esse texto pode se enquadrar em um contexto maior, em uma geografia preocupada com o processo de colonização, uma temática que é abordada por diversas metodologias desenvolvidas nas escolas nacionais, mas que vez ou outra se tocam em conceitos e abordagens similares, porém baseadas em esquemas teóricos distintos.

Por fim, é desnecessário dizer que Sauer foi bem sucedido em sua trajetória acadêmica, propondo um método geográfico que desfruta, mesmo na atualidade, de um significativo capital cultural, embora no Brasil não exista um engajamento para além das reflexões teóricas que suas obras suscitaram. *Homestead and Community on the Middle Border*, artigo que apresentamos a seguir pode ser considerado como a primeira tradução publicada da obra de Sauer que especificamente aplica a sua metodologia histórico-geográfica. O texto traduzido procura se manter fiel ao original. Notas de rodapé foram inseridas para fornecer mais informações sobre pessoas, eventos e contextos.

Referências

- BELL, S. Prelude to Brazil: Leo Waibel's American Career as a displaced scholar. **Geographical Review**, vol. 106, nº 1, 2016, p. 5-27.
- BOWMAN, I. The Pioneer Fringe. **Foreign Affairs**, vol. 6, nº 1, 1927, p. 49-66.
- _____, I. **The Pioneer Fringe**. New York: American Geographical Society, Special Publication No. 13, 1931.
- ETGES, V. **Geografia agrária: a contribuição de Leo Waibel**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2000.
- GREGORY, D. e LEY, D. Culture's geographies. **Environment and Planning D: Society and Space**, vol. 6, p. 115-116.
- HARTSHORNE, R. **The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past**. Lancaster, PA: The Association, 1939.
- HUNTINGTON, E. **Civilization and Climate**. Newhaven: Yale University Press, 1915.
- LEIGHLY, J. (ORG.) **Land and life. A selection from the writings of Carl Ortwin Sauer**. Berkeley: University of California Press, 1963,
- LIRA, L.A. Pierre Monbeig (1908-1987). **Terra Brasilis (Nova Série)**, nº 9, 2017, consultado 30 de maio de 2019 URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasiliis/2236>; DOI : 10.4000/terrabrasiliis.2236.
- MATHEWSON, K.; SEEMANN, J. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. **Varia Historia**, vol. 24, nº 38, 2008, p. 71-85.
- MATHEWSON, K.; DENEVAN, W. M. **Carl Sauer on Culture and Landscape - readings and commentaries**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2009.
- MONBEIG, P. **Pionniers et planteurs de São Paulo**. Paris: A. Colin, 1952.
- PEDROSA, B. V. A diversidade da paisagem: as tentativas de renovação do conceito, em meados do século XX. São Paulo: Trabalho de Conclusão de Curso - FFLCH/USP, 2007.
- ROBIC, Marie-Claire. Conhecer seu Mundo. **Terra Brasilis (Nova Série)**, nº 2, 2013, consultado 22 de maio de 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasiliis/900>; DOI: 10.4000/terrabrasiliis.900.
- SAUER, C.O. The Personality of Mexico. **Geographical Review**, vol. 31, nº 3, 1941, p. 353-364.
- _____. Homestead and Community on the Middle Border. **Landscape**, vol. 12, nº 1, 1962, p. 3-7.
- _____. **The early Spanish main**. Berkeley: University of California Press, 1966.
- _____. **Descubrimiento y dominación española del Caribe**. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- _____. Geografia cultural. **Espaço e Cultura**, nº 3, 1997, p. 1-7.
- _____. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998a, p. 15-98.
- SAUER, C.O. **Aztatlán**. México, Siglo XXI Editores, 1998b.
- _____. A educação de um geógrafo. Tradução de Werther Holzer. **GEOgraphia**, Niterói, vol. 2, nº 4, 2000a, p.137-150.
- _____. Desenvolvimento recentes em geografia cultural. In: CORREA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Geografia cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000b [1925], p. 12-74.
- SEEGEL, S. **Map men: transnational lives and death of geographers in the making of east central Europe**. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 2018.
- SEEMANN, J. A morfologia da paisagem cultural de Otto Schlüter: marcas visíveis da geografia cultural? **Espaço e Cultura**, vol. 17-18, 2004, p. 65-76.
- SEMPLE, E.C. **Influences of geographic environment: on the basis of Ratzel's system of anthropo-geography**. Nova Iorque: Henry Holt & Company, 1911.
- SMITH, N. **American empire: Roosevelt's geographer and the prelude to globalization**. Berkeley: University of California Press, 2003.
- TURNER, F. J. The significance of the frontier in American history. In: **Proceedings of the State Historical Society of Wisconsin at Its 48th Annual Meeting Held December 14, 1893**, p. 79-112.

O Homestead Act⁵ e a comunidade da fronteira média⁶

Carl O. Sauer⁷

A data do *Homestead Act*, 1862, marca convenientemente para nossa memória um momento significativo na corrente principal da história americana, a grande marcha para o oeste de famílias buscando terras para cultivar e se apropriar. Isso tudo começou pelos estados da costa oriental, saturada, para se projetar sobre a ampla bacia do Mississippi-Missouri, e refluíu longamente sobre as Altas Planícies [*High Plains*]. A Fronteira Média, como foi nomeada apropriadamente, foi a extensa, a longa onda que avança, de povoamento que se espalhou sobre a planície sul dos Grandes Lagos e ao norte do rio Ohio, fazendo uso de ambos cursos d'água como pontas de lança. Seu avanço criou Cleveland, Toledo e Chicago, portas de entrada para o norte. Ao sul, ela deu origem às cidades na borda de rios, tais como Cincinnati no Ohio, St. Louis no cruzamento do Mississippi e Kansas City no grande meandro do Missouri. O Mississippi foi cruzado à força na década de 1830, o rio Missouri, no Kansas, nos conflitos fronteiriços antes da Guerra Civil. Mesmo assim, tudo não começa assim, há uma transformação no povoamento das pradarias, na fundação e formação do verdadeiro Meio-Oeste.

O *Homestead Act* veio muito tarde no povoamento do interior. A terra foi dada, livre de custos, para muitos. Ela foi vendida ao preço nominal e em termos facilitados pelos escritórios de terra pública e pelas companhias de canais e de ferrovias. O ocupante que se instalava, sem título, era generosamente protegido pelos direitos em preempção, prática que se tornava cada vez mais forte. Muitos milhares de acres foram escriturados como ocupações [*homestead*] antes do Ato e muitos mais continuavam a ser adquiridos de outras maneiras, posteriormente. A terra estava disponível e em grande abundância. O preço em dinheiro pela terra selvagem era o menor custo para transformá-la em uma fazenda. Os escritórios de terra pública foram feitos para lotear as terras em mãos privadas rapidamente, de maneira simples e barata.

O legado indígena

O colono americano adquiriu o aprendizado, que foi importante para sua sobrevivência e bem-estar, dos indígenas, principalmente, com as formas de agricultura. O colono era ainda um europeu na cultura, que tinha o bom senso para usar o que lhe era útil no conhecimento dos indígenas das florestas orientais. Esse ensinamento começou em Jamestown e Plymouth e foi bem consolidado, antes que os Apalaches fossem cruzados.

Parece que pouco foi passado dos índios do interior para os colonos. A cultura indígena do oeste do Apalaches foi ainda significativamente baseada no cultivo, mais amplamente do que se pensa popularmente, no caso. Se os índios ocidentais contribuíram com algum tipo de cultivo, ele receberam pouca atenção até chegarmos no oeste distante, dos Mandans do Missouri superior e das tribos Pueblo no sudoeste.

Despossuídos de título para seu lar, privados de sua economia e perdendo a esperança que poderia existir outro início, muitos índios foram reduzidos à penúria extrema ou viveram como párias nos povoados brancos. Sua desmoralização foi completada pelo álcool, algo totalmente estranho ao seu modo de vida, o qual se tornava para eles a última saída. Objetos de desespero uns aos outros, e de desprezo e irritação para os brancos, se perdeu o tempo em que as duas raças podiam aprender uma com a outra e viver em conjunto.

A maioria dos primeiros pioneiros americanos do vale do Mississippi vieram por uma aproximação pelo sul. Eles eram conhecidos como Virginianos e Carolianos, mais tarde como Kentuckianos e Tennesseanos, e como Missourianos na atenuação final. Eles vieram a pé e a cavalo através das montanhas de Cumberland e dos Alleghenies, comumente para ocupar por um tempo o Kentucky ou o Tennessee e então se mover por terra ou por rio e atravessar os rios Ohio e Mississippi. As realocações das famílias Lincoln e Boone⁸ são exemplos típicos.

⁵No original, o termo *homestead* não possui um correspondente exato à língua portuguesa, pois ele significa uma grande propriedade de terras, geralmente cedida pelo governo estadunidense, com a conotação fundiária (fazenda, casa, edificações produtivas ligadas à ocupação da terra) ou de habitação (N.T.).

⁶Termo habitualmente utilizado para o Meio-Oeste estadunidense, mas que Sauer usa com uma conotação comum no século XIX remetendo às áreas pioneiras mais a leste do habitual Meio-Oeste como Chicago, por exemplo (N.T.).

⁸Daniel Boone (1734-1820), pioneiro na marcha para o Oeste (N.T.).

A primeira leva

Theodore Roosevelt⁹, detalhou o principal contingente de colonizadores pioneiros como Escoceses-Irlandeses. H.L. Mencken¹⁰ salientou seu tom e temperamento Celta, Ellen Semple¹¹ os viu como anglo-saxões dos Apalaches. Não importando suas origens, e elas eram múltiplas, esses eram os indivíduos rústicos que trouxeram e desenvolveram o modo de vida da fronteira americana. Eles eram agricultores da floresta, caçadores e criadores de animais combinados, sendo habilidosos no uso do machado e do rifle. Árvores eram a matéria prima para suas cabanas de madeira e cercas, e também um fardo ao solo para ser amortecido, queimado ou derrubado. O solo plantado estava próximo da linha de trem, o gado vagava livre na floresta ou na pradaria. Quando o novo-inglês Albert Richardson descreveu a vida no Kansas oriental no tempo dos problemas fronteiros (*Além do Mississippi*)¹², ele disse que poderia destacar a casa de um colono do Missouri por três aspectos: a casa (de toras de madeira) tem a chaminé construída do lado de fora e no final da casa; a casa era situada por uma fonte que servia para manter a comida, no lugar de uma dispensa, e nela se dispunha de soro de leite coalhado para beber. A ela poderia ser adicionado, se houvesse à mão, uísque de milho e se a família fosse realmente sulista, o pão de milho poderia ser branco.

Essa colonização foi precoce e maciça, começando pelo ano de 1800 e atingindo o novo Oeste quase inteiro, na década de 1830. No tempo da compra da Louisiana, os colonos americanos já possuíam títulos espanhóis para um milhão de acres apenas no Missouri, principalmente, ao longo do rio Mississippi e do baixo Missouri. Suas casas e campos estavam confinados nos vales lenhosos, seu estoque de pastagem nas pradarias mais altas. Apenas o Nebraska, no meio do continente, ficou quase totalmente além dos limites da colonização.

Vista ecologicamente, a ocupação da terra foi indiferente à permanência. Árvores eram retiradas de qualquer maneira, as pradarias eram esgotadas e a caça se esgotava. Eles eram fazendeiros segundo o modo in-

dígena, que derrubava, limpava e plantava, fazendo um uso restrito e tardio do arado e da carroça. A impressão é que eles deram mais atenção à criação de animais, do que cuidaram de seus campos ou aprimoraram seus plantios. O centro e o noroeste do Missouri, por exemplo, o melhor florescimento da fronteira "Sul", desenvolveu a mula do Missouri muito cedo no comércio com Santa Fé, e depois animais de sela, cavalos de criação e gado de corte.

A leva do norte

A grande imigração do norte começou na década de 1830 e dependeu, desde o início, de um melhoramento nos transportes: do canal Erie, dos barcos a vapor nos Grandes Lagos, das carroças robustas e espaçosas. A leva continuou demandando "aprimoramentos internos", o termo da época para a ajuda pública às comunicações, que foram primeiro os canais e após as ferrovias, apenas raramente construídas, e estadas pavimentadas. Carroças de transporte, no entanto, foram importantes e uma indústria de produção de carroças surgiu nas florestas de madeira de lei do sul dos Grandes Lagos. Ela pode nos lembrar que, a indústria automobilística posteriormente tomou forma nos mesmos centros e usando as mesmas habilidades e organização de distribuição. Sobre os canais, a maioria ligavam os Grandes Lagos aos rios do sistema Mississippi para embarcar produtos da fazenda para o Leste. As ferrovias, eram primeiro projetadas como linhas de alimentação para águas navegáveis. A primeira construção importante, a da Central Illinois, foi planejada em 1850 para construir uma ferrovia do Cairo na junção dos rios Ohio e Mississippi, para La Salle, no Illinois, para o Canal Michigan e o rio Illinois. A ela foi dada uma concessão, pelo Congresso, de dois milhões de acres de terra.

Esse último grande movimento de assentamento estava fora das pradarias e difere amplamente nos modos de vida e no tipo de gente dos assentamentos das terras florestais. Ele dependeu da indústria e do capital para o abastecimento do transporte. Ele estava baseado desde o início na agricultura do arado – arados de ferro fundido ou aço para cortar e mexer a céspede, arados que precisavam de animais de carga robustos, e eram responsáveis pela gradual substituição de bois por cavalos, como força motora.

A ocupação [*homestead*] na pradaria se diferenciava daquela das florestas, em primeiro lugar pela dependência do arado, dos animais de carga e da carroça. Ela também planta milho, como a mais importante cultura,

⁹O ex-presidente dos Estados Unidos publicou o seu estudo sobre a colonização do oeste dos Estados Unidos em quatro volumes sob o título *The Winning of the West* (A Conquista do Oeste) entre 1889 e 1896 (N.T.).

¹⁰Referência a Henry Louis Mencken (1880-1956), jornalista e satirista americano que publicou inúmeros artigos e livros sobre sociedade, literatura e música (N.T.).

¹¹Semple retratou a população das montanhas do Kentucky como povo atrasado que não conhecia estradas ou ferrovias e ainda falava um inglês antiquado do tempo de Shakespeare (SEMPLER, Ellen. *The Anglo-Saxons of the Kentucky Mountains*. *Geographical Journal*, vol. 17, p. 588-623) (N.T.).

¹²Albert Richardson (1833-1869) era um jornalista, escritor e espião unionista durante a Guerra de Secessão. Ele publicou um relato das suas viagens pelos Estados Unidos entre 1857 e 1867 no livro *Beyond the Mississippi: from the great river to the great ocean: life and adventure on the prairies, mountains, and Pacific coast* (N.T.).

em parte para estocá-la, mas principalmente para ser convertida em carne de porco e banha por meio das raças novas e maiores, desenvolvidas no Oeste, que eram registradas e estimuladas. As cercas eram necessárias, não para barrar o rebanho fora dos campos, mas para confiná-lo. Os animais eram providos com alimento e abrigo. A fazenda era subdividida em campos, alternadamente, se plantando milho, trigo, aveia, trevo [*Trifolium*] e pasto, organizados em uma rotação que aumentava o alimento para os animais de carga e para o rebanho a ser comercializado. Um celeiro era necessário para estocar e para funcionar como estábulo. Essa economia mista e seus ganhos de dinheiro com animais e trigo, dividiu o tempo de trabalho nas estações e manteve a fertilidade do solo. Isso tudo formou um sistema ecológico autossustentável, capaz de continuar a se aprimorar indefinidamente, sendo ele estabelecido pelo processo de colonização das pradarias. Não existiu um estágio de extrativismo ou cultura exaustiva.

No tempo da Guerra Civil – em um lapso de vinte anos aproximadamente – as terras da pradaria ao leste do Mississippi, a metade oriental de Iowa, e o norte do Missouri estavam bastante colonizadas. Algumas contagens atingiram suas maiores populações até então. Meu condado nativo [Warrenton], no Missouri, tinha o dobro de sua atual população, em 1860. As pessoas estavam precisando mais melhorar a terra, construir casas e celeiros, do que manter as fazendas funcionando. Alguns lucros produziam novas terras no Oeste distante, muitas das quais em cidades, que estavam sendo construídas. Essas pessoas que colonizaram as pradarias eram fazendeiros, nascidos e criados fora do Nordeste ou vindos do estrangeiro, sendo, em grande número, alemães e subsequentemente escandinavos. Eles sabiam como arar e trabalhar o solo para manter boas lavouras, bem como cuidar dos animais do rebanho, organizar e preencher seu tempo de trabalho. Eles precisavam de dinheiro para suas casas e celeiros, os quais não eram de toras de madeira, mas de estruturas de quadro com tábuas lado a lado. A madeira era, principalmente pinho branco embarcado nos Grandes Lagos, que, de longe, era a principal entrada mercadorias. Eles precisavam de dinheiro, assim como, de seu próprio trabalho, para cavar poços e drenar campos. O preço da terra, de novo, era a menor parte dos custos de se adquirir uma fazenda. O impulso difícil era o de conseguir capital para melhorar e equipar a ocupação [*homestead*], e isso era feito com trabalho duro e com uma poupança rígida. Esta é uma explicação suficiente da postura ética e dos hábitos austeros do Meio-Oeste, comumente sujeito à depreciação da vida na fazenda.

De forma a ter e manter as terras boas, era necessário manter a disciplina do trabalho e postergar a satisfação de facilidades e confortos. O preço parecia razoável para a primeira geração que batalhou por uma vida com escassos acres, na Nova Inglaterra, ou para aqueles que vieram da Europa onde a propriedade da terra estava fora de alcance.

O fim das aldeias

A vida dispersa, a casa da família isolada, se torna mais característica do povo do “norte” da fronteira. Na Europa quase todos viveram em uma aldeia ou na cidade; nesse campo a aldeia rural desapareceu ou nunca existiu. Nossos fazendeiros viveram no “campo” e iam à “cidade” para os negócios ou para se divertirem. A palavra “aldeia”, assim como “riacho”, foi uma das que o poeta poderia utilizar; ela era estranha à nossa linguagem oriental. A terra estava disponível para o indivíduo aqui em termos de tamanho, muito além de qualquer posse que ele poderia ter no além-mar. O padrão de aldeia era retido quase sempre onde os laços religiosos ou sociais planejavam prescrever a vida em uma congregação fechada.

Normalmente, a posse da terra estava no lugar em que a família vivia, e sua identificação se tornava reconhecida no estabelecimento do título. O ato de viver na terra ocupada era parte do processo de ganhar a posse. Conforme o tempo passava, a ocupação prévia e os melhoramentos da terra davam mais peso aos direitos em preempção; viver na terra protegida contra a expulsão dava um primeiro direito de compra ou contrato, para a garantia de propriedade. O *Homestead Act* foi uma expressão tardia dos códigos de preempção muito precoces, pela qual a posse por residência na terra e seu melhoramento poderia ser usado para assegurar o título de forma completa e irrestrita.

O levantamento geral da Terra estabelecia o padrão retangular da terra, e, uma descrição e subdivisão para os domínios públicos. As posses rurais tomaram a forma de um quadrado ou somas de quadrados, em frações ou múltiplas milhas quadradas¹³ de seção de terra. O quarto de seção, gradualmente, foi favorecido como o tamanho desejável para uma fazenda e se tornou a unidade padrão para a cultivo familiar no *Homestead Act*. Assim, quatro famílias por milha quadrada, como número aproximado de pessoas, eram pensados para dar uma densidade desejável à população rural. A reserva de uma seção escolar em um município acima de trin-

¹³Uma milha quadrada equivale aproximadamente a 2,59 quilômetros quadrados (N.T.).

ta e seis milhas, para dar suporte às escolas públicas primárias, proveram um incentivo para apenas um tipo de construção pública contemplada nas terras públicas disponíveis. Quatro lares por milha quadrada e, cerca de quatro escolas para o município de seis milhas quadradas, resultou no padrão geral simples para a geografia rural do Meio-Oeste. O padrão mais crível posto em prática foi o das pradarias uniformes das terras altas. Aqui, as estradas seguiam as linhas das seções e, portanto, corriam sentido norte-sul ou leste-oeste, e as fazendas eram postas em intervalos quase iguais em uma ou outra fileira do quadriculado¹⁴. Curiosamente, essa monotonia foi geralmente tão aceita, que mesmo uma concentração de casas nos quatro cantos onde a seção se encontra (resultando, portanto, no mesmo destino) era excepcional.

Pouca atenção foi dada ao sítio onde a casa era planejada ou a aglomeração de estruturas que pertenciam à fazenda. A escolha da localização era importante, como, por exemplo, para a exposição ao vento ou ao sol.

A logística da localização domiciliar é um campo de estudos atrativo e difícil de ser investigado, como é, de fato, toda a questão da paisagem rural e suas transformações. A localização da casa e da fazenda, as preferências culturais de grupos colonizadores diferentes, a drenagem microclimática e o saneamento eram irrecogníveis, mas o preço pago aparece na febre tifoide e na "queixa de verão"¹⁵.

As construções eram fortemente utilitárias e sem adornos. Nem a cabana de toras da floresta ou a casa da fazenda das pradarias, em forma de caixa, ou ainda a casa coberta de mantas de grama na província do trans-Missouri (possível em função do arado que cortava céspede) eram mais do que um abrigo econômico e compacto, variando pouco em forma. Casas semi-fabricadas, de padrão normal e simples, eram já oferecidas pelas ferrovias para os compradores de suas terras, uma forma primeira da habitação. A qualidade da casa e a qualidade da terra não parecem estar em relação. O embelezamento da casa e o plantio do jardim eram deixados geralmente para a segunda geração, tanto no povoado rural, quanto na fazenda. A história da disseminação das árvores ornamentais e arbustos pode ser revelador, e talvez possa ser documentado através dos viveiros que se desenvolveram desde Ohio até o Nebraska.

A economia, desde o início, estava baseada na pro-

¹⁴Sauer se refere ao parcelamento geométrico de lotes ao oeste do Rio Ohio, com base no Public Land Survey System. As propriedades tinham o formato de quadrados dentro de unidades maiores de modo que qualquer parcela podia ser identificada, similar a um sistema de coordenadas geográficas (N.T.).

¹⁵Um tipo de diarreia, de origem bacteriana, relacionada à falta de higiene e saneamento (N.T.).

dução para o mercado, mas ela também manteve um alto grau de autossuficiência. A casa de defumação, a dispensa e o armazém estocavam a comida que era produzida e processada na fazenda. A fazenda tinha seu próprio saco de batatas, pomar, frutas silvestres e vegetais da horta, diversificados, em estado inicial e tardio de maturação, para diferentes sabores e usos, selecionados por qualidades diferentes daquelas que eram embarcadas ou precocemente colhidas. O pomar da fazenda, hoje em dia, está amplamente desaparecido, e os jardins continuam. Muitas variedades de frutas que eram familiares e apreciadas se perderam. Um pomar da família era abastecido com diversos tipos de macieiras que frutificavam no início e no meio do verão, para se fazer manteiga de maçã e cidra no outono, para deixá-las em cestos arejados na dispensa, para serem usadas, uma após a outra, até que o castanho amarronzado desse o desfecho da alta estação no inverno. Os boletins agrícolas e os anuários do século passado chamam nossa atenção para os novos tipos de frutas e vegetais que podem ser adicionados aos pomares e hortas das casas, tendo a diversificação, não a homogeneização, em vista. Exibições nas feiras das províncias e dos estados, similarmente, demonstram a excelência na variedade do plantio, assim como davam um prêmio para o mais gordo porco e a maior abóbora.

A família autossuficiente

As jarras de compota se tornaram uma facilidade maior pelas frutas e vegetais que eram "colocados" para o uso doméstico em tempos de abundância, contra o inverno ou uma possível estação difícil, em ano mais tardio. A casa bem guarnecida se mantém assegurada contra a fome, o tempo todo, pela sua produção própria e pela sua grande estocagem. A família, de amplo tamanho e gradação etária, foi capaz de prover a maior parte das habilidades e serviços para sua autossuficiência, para o manutenção da produção diversificada e da organização social bem regrada. Sua competência e unidade foi mantida mesmo depois que sua necessidade tivesse desaparecido. Face ao tempo mensurado pela história americana, a vida de sua sociedade e a sua vitalidade, foram extraordinários.

Olhando para trás do presente confortável, esses dias ancestrais parecem ter lugar em um tempo de solidão e duro isolamento. Foi apenas próximo ao fim do período, que o telefone e a entrega rural surgiram. Na pradaria faltavam estradas para o clima úmido. Na

seção dos vales, as estradas nos cumes poderiam ser trafegáveis, na maior parte do tempo; nas planícies, o inverno era provavelmente a estação mais fácil para viajar, melhor que a primavera da imobilização na lama. Esperava-se que o médico da província aparecesse, e ele o fazia, independentemente de qualquer emergência causada pelo clima. A vida era tão organizada que ninguém precisava ir para a cidade, em nenhum período em particular. Quando o tempo estava ruim as atividades da família eram feitas dentro de casa ou fora das áreas da fazenda. No nosso retrospecto sobre a fazenda familiar, assim como ela era, nós podemos nos inclinar para uma supervalorização de seu isolamento. As fazendas americanas não tinham a sociabilidade das aldeias rurais da Europa ou da América Latina, mas toda a família tinha deveres a aprender e a executar, e períodos de descanso e diversão. Tudo isso dependia de um trabalho com moral e competente, do qual todos participavam e no qual seus membros encontravam satisfação. Talvez esse sistema sofreu menos tensões sociais e rupturas, do que qualquer outra parte de nossa sociedade.

Mesmo que a vida se encontrasse dispersa, as famílias da fazenda eram parte de uma comunidade maior, que pode ser uma vizinhança contingenciosa ou uma associação mais ampla. A comunidade, em alguns casos, se iniciava no padrão Boone de colonização de amigos e parentes. Um sensação de pertencimento conjunto estava presente desde o início ou era rapidamente desenvolvido. O início pode ter sido como uma comunidade fechada; mas existiu, provavelmente, a contínua e gradual admissão de outros por alguma espécie de aceitação. Consanguinidade, costumes em comum, fé ou fala eram os laços que se formavam e mantinham comunidades viáveis através dos tempos bons e ruins. As colônias menonitas são exemplos excelentes. A ausência de tais qualidades na cooptação se mostra na faixa Cherokee, aberta como uma agregação aleatória de estranhos.¹⁶

O padre da província exercia um papel de liderança na comunicação social, diferindo de acordo com as confissões particulares. Comungantes católicos e luteranos, talvez, tivessem mais de sua vida social determinada pela igreja do que os outros. Seus padres e pastores eram mais suscetíveis a permanecerem em uma comunidade, e, a exercer e ter mérito de sua influência nas comunidades. As escolas paroquiais estendiam as conexões sociais. Os festivais religiosos eram numerosos e atrativos. A observância do domingo era menos

austera. A igreja Metodista, em contrapartida, mudava seus ministros, usualmente a cada dois anos. No cinqüentenário de seu serviço, meu avô havia sido transferido através de um total de cinco estados. Os principais períodos do ano metodista eram o encontro do renascimento de inverno e o encontro campal no verão, após a colheita do milho. Para alguns, ocorriam experiências religiosas; para outros, especialmente para as pessoas jovens, ocorriam períodos de sociabilização, em particular no encontro campal, realizado em um atrativo bosque onde se ocupavam cabanas ou tendas, em um longo pique-nique. Quase todos pertenciam a alguma igreja, e todos encontravam lá uma situação ampla para contatos sociais e contentamento.

As igrejas também traziam a educação superior, fundando faculdades [*colleges*] e academias pelo Meio-Oeste, de Ohio ao Kansas, antes da Guerra Civil e antes do *Morrill Act*, que originou faculdades financiadas com impostos.¹⁷ Dessas pequenas faculdades financiadas pela igreja, cerca de cinquenta ainda existem, sendo que primeiro proporcionaram educação nas artes liberais para os jovens dos estados das pradarias; e eles o fizeram por coeducação. Seus estudantes eram recebidos não apenas das redondezas, mas também de lugares distantes de suas igrejas de afiliação. Nessas faculdades, o aprendizado humano era cultivado e disseminado. Seus campi, hoje em dia, no Meio-Oeste, são os mais graciosos monumentos de uma civilização erigida pelos pioneiros.

Campo e cidade eram interdependentes do mesmo modo de vida e principalmente do mesmo povo. Por um tradição que pode remontar aos mercados das cidades da Europa, sábado era o dia da semana para se ir na cidade fazer negócios (observam-se as implicações pioneiras do termo "mercanciar" [*"to trade"*]) e visitas. A cidade provinha os serviços, mercadorias, e entretenimento que a família da fazenda precisavam. Em tempo, ela também se tornou o lar do fazendeiro aposentado.

A era da Fronteira Média acabou com a Primeira Guerra Mundial. Hamlin Garland introduziu o nome, em 1917, em sua retrospectiva *A son of the Middle Border*¹⁸, quando tinha 57 anos. Willa Cather¹⁹, que cresceu na franja mais ocidental de Nebraska, delineou sua vida em uma apreciação calma, nos seus dois livros escritos antes da guerra, e então viu seu mundo desaparecer.

¹⁷O Morrill Act de 1862 cedia terras federais e dava permissão aos estados no novo oeste para abrirem faculdades, possibilitando o acesso à educação para os

¹⁸O livro de Garland fez tanto sucesso que ele decidiu escrever mais três livros do mesmo gênero. O livro *A Daughter of the Middle Border* (1921) ganhou o prestígio-

¹⁹Willa Cather é outra ganhadora do Prêmio Pulitzer (1923). Ela escreveu quatro

¹⁶A Faixa Cherokee foi o território designado para os índios Cherokee pelo governo americano em 1836 quando a nação indígena foi brutalmente expulsa das suas terras ao leste do Rio Mississippi para uma área entre 96° e 100° de longitude oeste na divisa entre os estados de Oklahoma e Kansas (N.T.).

Alguns de nós viveram nesse Indian Summer²⁰ e quase ninguém estava consciente do quão breve e repentinamente ele iria acabar. Um quarto de seção era ainda um bom tamanho para o cultivo familiar, e a fazenda se dedicava ainda a ter uma provisionamento próprio, assim como, ao embarque de grãos e animais. O quarto ainda produz uma boa colheita, de vigorosa significância. O lugar da família na comunidade não foi significativamente determinado pelos seus lucros, muito menos pelo seu padrão de vida.

O declínio da Fronteira Média

O deflagrar da guerra, em 1914, trouxe rapidamente o aumento da demanda e preços para suprimentos aos Aliados e à indústria americana. Nossa intervenção, em 1917, instou os fazendeiros a se tornarem mais produtivos: "A comida vai ganhar a guerra", daquela que seria o fim de todas as guerras. O fazendeiro fez mais dinheiro do que nunca, tendo menos ajuda, ele foi encorajado a comprar mais terras e equipamentos. No final da guerra, se viu um país fortemente industrializado, que continuou a recrutar trabalho das seções rurais. O melhoramento de estradas, carros, tratores e caminhões tornou o cavalo desnecessário, além de quebrar o ciclo da rotação de culturas. A agricultura se tornou menos um modo de vida e mais um negócio altamente competitivo, cujas faculdades agrícolas treinavam especialistas como engenheiros, químicos, economistas, para ajudar menos e menos fazendeiros a produzir mais mercadorias para o mercado, para aumentar seus lucros face ao aumento do custo do trabalho, dos impostos e da necessidade de capital. Isso ficou conhecido como "a libertação do povo da terra", e agora que temos cerca de um décimo da população vivendo nas fazendas (em uma das mais baixas proporções do mundo), ela não está mais se reproduzindo.

A Fronteira Média agora pertence ao passado perdido, um passado cujos diferentes modos e finalidades de vida caminhavam lado a lado. Desde aí, nós definimos o bem-estar comum nos termos de uma sociedade organizada diretamente para o progresso material. Para o presente, ao menos, nós controlamos a vontade e os meios de produção de mercadorias. Nós não aprendemos como encontrar contentamentos equivalentes, em trabalhos bem feitos, por meios simples e pelo julgamento independente, que deu competência e dignidade

ao trabalho rural. A família da fazenda aprendeu jovem o que é bom para a vida, lá ou em outros lugares, e enriqueceu a qualidade da vida americana. Mas ela desapareceu.

²⁰Erroneamente traduzido como Verão Indiano. Portanto, o termo se refere a observações do tempo por povos indígenas nos Estados Unidos, não da Índia. Indian Summer é semelhante ao veranico no Sul/Sudeste do Brasil e designa um período quente e seco que ocorre fora de época, geralmente, no outono (N.T.).